

## Educação para imigrantes, cultura escolar e relações sociais em uma escola da cidade de São Paulo

## Educación para inmigrantes, cultura escolar y relaciones sociales en una escuela de la ciudad de São Paulo

Adriana de Carvalho Alves Braga<sup>1</sup>

---

### RESUMO

Este artigo se propõe a apresentar um panorama das condições de acolhimento de estudantes imigrantes latino-americanos nas escolas públicas da cidade de São Paulo, a partir da narrativa dos docentes. Os relatos foram recolhidos em uma escola municipal, cujas matrículas de imigrantes somam 13% do total de estudantes e os professores avaliaram seu conhecimento sobre a América Latina, apresentaram as dificuldades encontradas nos primeiros contatos, refletiram sobre o rendimento escolar e a socialização dos imigrantes. Ao adentrarmos no contexto escolar, através dessa memória docente, nos deparamos com alguns dilemas: dificuldade de comunicação e o aprendizado da língua, a xenofobia e a violência, a exploração do trabalho infantil e a evasão escolar. Além da compreensão dos fluxos migratórios contemporâneos e da discussão das políticas públicas educacionais, a análise é realizada através da discussão de alguns conceitos basilares da Educação para Imigrantes, tais como a diversidade cultural, identidade, cultura escolar e interculturalidade.

**Palavras-chave:** Educação para imigrantes. Bolivianos em São Paulo. Interculturalidade. Fluxos migratórios contemporâneos. Políticas Públicas.

---

1 Doutora em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil. Mestre em Integração da América Latina, PROLAM/USP. Email: [andritsena@hotmail.com](mailto:andritsena@hotmail.com)

---

## RESUMEN

Este artículo presenta una visión general de las condiciones dadas para la recepción de estudiantes inmigrantes Latinoamericanos en Escuelas Públicas de la ciudad de São Paulo, basado en la narrativa de los docentes. Los informes se recopilaron en una Escuela Municipal, cuya matrícula de inmigrantes representa el 13% del número total de estudiantes y los maestros evaluaron el conocimiento sobre América Latina, develaron las dificultades encontradas en los primeros contactos, reflejados en el rendimiento escolar y la socialización de los inmigrantes. A medida que nos adentramos en el contexto escolar, gracias a esta memoria docente, nos enfrentamos con algunos dilemas: dificultades de comunicación y de aprendizaje de idiomas, xenofobia y violencia, explotación del trabajo infantil y abandono escolar. Además de comprender los flujos migratorios contemporáneos y discutir las políticas públicas educativas, el análisis se realiza discutiendo algunos conceptos básicos de Educación para Inmigrantes, como la diversidad cultural, la identidad, la cultura escolar y la interculturalidad.

**Palabras clave:** Educación para inmigrantes. Bolivianos en São Paulo. Interculturalidad. Flujos migratorios contemporáneos. Políticas públicas.

---

## INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta parte dos resultados obtidos em nossa investigação de doutorado, na qual nos propusemos a conhecer as estratégias de acolhimento construídas pelos professores na garantia dos direitos educativos de estudantes imigrantes na cidade de São Paulo, Brasil. Os dados que apresentamos foram coletados em uma unidade escolar da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, que recebe grande quantidade de matrículas de migrantes regionais, principalmente de nacionalidade boliviana, e os depoimentos expressam as percepções dos educadores sobre tal presença.

Na cidade de São Paulo, o tema dos fluxos migratórios adquire relevância especialmente a partir do ano de 2013, um momento histórico no qual o governo municipal demanda a construção de políticas públicas para atender a essa população “frequentemente em situação de vulnerabilidade pela ausência de redes sociais, desfiliação cidadã e desconhecimento do idioma local, especialmente agravada nos casos daqueles que se encontram em situação migratória irregular.” (CEPAL, 2019, p. 14). Em 2016, o poder público municipal sancionou a Lei Municipal 16.478/2016, que instituiu a Política Municipal para a População Imigrante (PMPI), um marco legal que incide sobre a garantia de direitos por parte dos imigrantes, que regulamenta e orienta o atendimento a esse público em todas as esferas de atuação do município. No âmbito da

Educação, o Decreto Nº 57.533/2016 que regulamenta a PMPI estabelece que

“É garantido a todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos imigrantes o direito à educação, por meio do ingresso, permanência e terminalidade na rede de ensino público municipal, não constituindo obstáculo ao exercício deste direito a impossibilidade de comprovação documental [...]”  
(Prefeitura de São Paulo, 2016, Art. 19)

Afirmando o princípio a interculturalidade, esse decreto estabelece como ações prioritárias da Secretaria Municipal de Educação: o combate a xenofobia, o fomento a conteúdos que promovam a interculturalidade e a valorização das culturas de origem dos imigrantes, investimento na formação de educadores e incentivo à produção de materiais didáticos e ações didáticas que garantam o acolhimento dos estudantes imigrantes e de suas famílias (Prefeitura de São Paulo, 2016, art. 20). Como podemos observar, o município de São Paulo tem as ferramentas jurídicas que, associadas aos mecanismos da esfera federal<sup>2</sup>, são capazes de garantir o acesso dos imigrantes aos serviços educativos.

A presença imigrante modifica substancialmente a cultura escolar, especialmente por conta da diversidade cultural e da manifestação de valores diversos daqueles que são partilhados pelos estudantes brasileiros, principalmente no que se refere a compreensão sobre o papel da escola. Tratando da discussão sobre a presença imigrante na escola, nossa contribuição é abordar a juventude migrante a partir da cultura escolar, demonstrando a importância do acesso à educação como ferramenta de qualificação para a vida social e para a construção dos projetos de vida, mas também concebendo a escola como *lócus* privilegiado da vivência e da experiência social. Através dos relatos docentes que compõe o texto, são mencionadas algumas situações do contexto escolar que nos auxiliam a compreender esse fenômeno.

---

2 As legislações federais que asseguram o acesso à educação, no Brasil, são: Constituição Federal de 1988, Lei Nº 8.069/1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), Lei Nº 9394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e Lei Nº 13.445/ 2017 (Lei de Imigração).

---

## EDUCAÇÃO E IMIGRAÇÃO: CONCEITOS IMPORTANTES PARA COMPREENDER O FENÔMENO

As pesquisas relacionadas à Educação para Imigrantes são interdisciplinares e buscam desvelar como se estabelecem as relações entre estudantes imigrantes e nacionais, as barreiras de acesso à escolarização e os obstáculos enfrentados para a efetivação dos direitos educativos. Na especificidade da Pedagogia, questiona-se o currículo ensinado em um ambiente escolar culturalmente diverso, as metodologias, a avaliação e a formação docente desejável para efetivar os direitos educativos. Conceitos como diversidade, multiculturalismo e interculturalidade são fundamentais no estudo de ações educativas direcionadas para a garantia de direitos educativos aos estudantes imigrantes e, a afirmação da prática intercultural possibilita a abertura epistêmica para a diversidade cultural.

“Afirmar a diversidade cultural e a co-presença de Outros Sujeitos e de outras culturas está trazendo tensões nas escolas, nas políticas, nas artes... porque a afirmação da diversidade cultural questiona o monopólio da cultura única, dos valores únicos e dos sujeitos únicos legítimos de produção de cultura.” (Arroyo, 2014, p. 111).

No contexto de uma escola com estudantes imigrantes, esses representam os Outros Sujeitos que mobilizam a reflexão sobre a cultura diversa. Ao tratar da representação dos ‘outros’ no processo educativo, Candau (2011) afirma que “é importante promover processos educacionais que permitam que identifiquemos e desconstruamos nossas suposições, em geral implícitas, que não nos permitem uma aproximação aberta e empática à realidade dos ‘outros’” (Candau, 2011, p. 31). Dessa forma, é muito significativo quando educadores se propõem a desenvolver ações nas quais ocorrem o alargamento cultural, pois, quando a escola se converte em espaço permeável à diversidade, é promovida a visibilidade dos sujeitos implicados na cultura escolar.

Ao discutir a presença do diferente, do Outro, na escola, Candau (2014, p. 31) recomenda que “é necessário outro olhar: reconhecer a dignidade de todos os atores presentes nos processos educativos e conceber a diferença como riqueza e ‘vantagem pedagógica’”. Esse reconhecimento é, indubitavelmente, o primeiro passo para a construção de ações pedagógicas que dialogam com a perspectiva intercultural, entendida como o diálogo entre as culturas. Todavia, reconhecer a dignidade dos sujeitos implica também em discutir os estereótipos e, em um contexto escolar com marcante presença de estudantes bolivianos, a discussão sobre os esses estereótipos emerge como um dos temas centrais na discussão.

Muitas das pesquisas realizadas junto à comunidade boliviana em São Paulo revelam que, sobre essa população, recai preconceito, discriminação, racismo e xenofobia, salientando os resquícios da colonialidade na qual se estruturou a sociedade brasileira. Um dos pesquisadores que tem se dedicado a esse tema é Silva (2008) e, a esse respeito, denuncia que “a imagem cristalizada na sociedade local é a de que todos eles são costureiros, pobres e índios, ignorando, assim, a diversidade social, profissional e étnica deste grupo” (2008, p. 38).

Uma das barreiras que dificultam o exercício dos direitos é a comunicação e, ao tratar da importância desempenhada pela língua, Robim (2017, p. 30) sugere que “a escola é a representação da exclusão, na medida em que o PB é supostamente a língua materna de todos os estudantes”. Por se tratar de um grupo social invisibilizado, pesa ainda sobre os imigrantes a negação linguística através da expectativa do monolinguísmo nas escolas, e até mesmo a ideia de que todos os imigrantes latino-americanos falam somente o idioma castelhano. Em uma escola onde a maioria dos estudantes imigrantes é constituída de bolivianos, essa realidade é mais evidente e, a esse respeito, Robim (2017, p. 38) alerta que esse contexto é ainda mais complexo, uma vez que a Bolívia se afirma politicamente enquanto um Estado pluricultural, onde os idiomas originários – guarani, quechua, aymara, entre outros – são línguas oficiais e faladas pela maioria da população, juntamente com o espanhol. Logo, a discussão sobre a comunicação deve ser deslocada do âmbito da dificuldade para a dimensão do processo de aprendizagem - que não é linear - e a discussão da diversidade linguística e cultural.

É fundamental refletirmos ainda sobre o significado da diversidade e das dinâmicas culturais no processo migratório e, a esse respeito, Grimson (2011) presta contribuição ao tema quando estabelece alguns equívocos sobre as migrações e, ao tratar dos aspectos culturais assinala que

“Como la cultura no se porta en la sangre, como la cultura está vinculada a contextos sociales específicos y a desigualdades de poder históricas, cualquier definición que utilicemos de ‘cultura’ debe implicar necesariamente sus procesos de cambio. Cuando cambian los contextos, las culturas no pueden permanecer inmunes.” (Grimson, 2011, p. 37)

Compreendendo que a cultura não se reproduz naturalmente no contexto de destino, posto que não está impregnada no sangue, mas em contextos sociais e nas relações de poder estabelecidas, o antropólogo lança o questionamento “en qué grupos, en qué sociedades y en qué condiciones se producen esas continuidades y rupturas?” (Grimson, 2011, p. 37). O ambiente escolar permeável à manifestação da diversidade cultural pode ser a condição que favorece a continuidade de algumas práticas culturais.

Ao analisarmos o modo como se processa a sensação de pertencimento desses estudantes em interação com o ambiente escolar, é interessante observar o conceito de “entre-lugar” proposto por Bhabha (2013), que o define enquanto perspectivas de tradução cultural e ferramenta para atuação em um novo contexto, pensando em um passado. Perante a afirmação de que “o trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente” (Bhabha, 2013, p. 29), podemos inferir que esse arraigamento pressupõe a construção de novas dinâmicas de interação cultural por parte dos jovens imigrantes. O papel da experiência é fundamental para essa análise, pois “(...) é o desejo de reconhecimento, ‘de outro lugar e de outra coisa’, que leva a experiência da história além da hipótese instrumental. Mais uma vez é o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência” (Bhabha, 2013, p. 31). A escola, como *locus* de experiência, de vivência e de intervenção, passa a ser esse ‘entre-lugar’ onde se acionam não apenas memórias, mas também possibilita a renovação da atividade cultural atrelada ao desejo de conhecer e reconhecer um ‘outro lugar’ e outras coisas.

---

## EM CAMPO: CARACTERIZAÇÃO DA EMEF DOS ANDES

A pesquisa de campo ocorreu no segundo semestre de 2019 e, além da realização de entrevistas, investigamos também a documentação escolar, para conhecer o contexto sociocultural da escola. Os dados recolhidos na pesquisa documental apontam que 85% dos estudantes imigrantes da escola são bolivianos ou filhos de bolivianos, e possivelmente é por essa razão que, ao serem questionados sobre os estudantes imigrantes da escola, quase todos os participantes se reportaram aos estudantes dessa nacionalidade.

Com o intuito de preservar a identidade dos docentes e da própria unidade escolar onde realizamos a investigação, optamos por fazer alusão a História e a Cultura da América Latina para nomear os sujeitos e o *locus*, criando nomes fictícios. Dessa forma, nos referimos a unidade escolar como Escola Municipal de Ensino Fundamental dos Andes e, quanto aos participantes da pesquisa, os nomeamos da seguinte forma: Gabriela (profª de Língua Portuguesa), Juana (profª de História), Mercedes (profª de Geografia) e Victor (prof. de Artes).

A EMEF dos Andes se localiza na zona norte da cidade de São Paulo, região reconhecida pela concentração dos fluxos migratórios de latino-americanos. Por essa razão, interessava-nos saber sobre o quantitativo de matrículas de imigrantes que essa escola abrigava e a diretora disponibilizou, para nossa análise,

o documento “Alunos estrangeiros 2019- Direção”, produzido pela secretaria da escola e com data-corte de abril de 2019. Esse documento é um levantamento das matrículas e foi produzido com o objetivo de mapear os imigrantes e filhos de imigrantes matriculados na unidade escolar. Nesse relatório constam as seguintes informações: nome do estudante, de seu pai e de sua mãe, turma em que está matriculado, origem nacional do estudante, de seu pai e de sua mãe e telefones de contato.

O documento revela que em todas as 13 turmas do Ensino Fundamental I (do 1º ao 5º ano) há matrículas de imigrantes e, dos 71 estudantes, 7 são de origem africana. Os demais compõem os fluxos de imigração regional, com especial destaque para a presença dos bolivianos (24) e dos filhos de bolivianos (36). No Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano) o cenário é um pouco diferente, pois a quantidade de matrículas é menor – para a mesma quantidade de turmas – e todos os estudantes são latino-americanos. Uma constatação que fizemos ao analisar as matrículas das turmas por ano/série é que se nota uma diminuição gradativa da quantidade de estudantes imigrantes: 6º ano (13), 7º ano (9), 8º ano (7) e 9º ano (3). A diretora da unidade escolar, ao ser questionada sobre esse assunto, levantou duas hipóteses: mudança de residência pois, de acordo com ela, existe muita rotatividade de local de trabalho das famílias desses estudantes, e a evasão escolar entre os adolescentes, especialmente por conta da exploração do trabalho infantil, uma vez que muitos desses estudantes começam a trabalhar na atividade têxtil para ajudar as famílias, e abandonam a escola.

A EMEF dos Andes tem, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da unidade escolar, 764 estudantes matriculados nas 26 turmas atendidas e desses, cerca de 13% são de origem imigrante (100 estudantes), no entanto, apenas 6,2% efetivamente nasceram em outros países (48 estudantes). Podemos aferir que existe um equilíbrio entre a primeira e a segunda geração de imigrantes nessa escola e, em seu relato, a Gestão Escolar nos informa que tem sido feito um esforço coletivo para que seja colocada em pauta essa presença quando se discute a identidade da escola, o currículo e a função da escola naquela comunidade.

---

## A PRESENÇA IMIGRANTE NA PERSPECTIVA DOCENTE

Para iniciar nosso diálogo com os professores, julgamos pertinente saber qual a relação entre esses docentes e os contextos de origem dos estudantes. Para atender a tal intento, solicitamos que os participantes avaliassem seu conhecimento pessoal sobre a História e Cultura da América Latina.

“Depois que eu entrei nessa escola eu senti a necessidade de pesquisar sobre a população da Bolívia, sobre a Bolívia, geografia da Bolívia, os costumes... Questão educacional, como era lá porque dizem que esses países são bem diferentes, então eu senti necessidade depois que eu mudei para cá, nessa escola.” (Mercedes, Geografia)

Esse depoimento é interessante porque evidencia o desconhecimento que os brasileiros têm em relação aos nossos vizinhos, e a professora revela que foi o contato cotidiano com os estudantes que a impeliu a querer conhecer mais sobre a Bolívia.

Outro tema relevante para nossa análise é a memória sobre os primeiros contatos entre os docentes e a comunidade de imigrantes da escola. Por essa razão, perguntamos aos professores se, quando iniciaram o trabalho na escola, já tinham conhecimento da quantidade de imigrantes e se eles identificaram dificuldades nesse primeiro contato.

“[...] estou aqui há dez anos, no começo tinha um aluno por sala geralmente eram bolivianos e a demanda com o tempo foi aumentando. E aí vieram os chilenos, vieram os angolanos, os nigerianos e foi aumentando[...]. Eu lembro que no início eles tinham bem mais dificuldade com a língua. [...] eu falava assim ‘olha se você não tá entendendo eu vou falar mais devagar para você entender’, tinha assim uma certa adequação. Eu lembro que culturalmente... o choque cultural era bem mais... Eram muito tímidos, muito retraídos e eu até tentava chamar ‘calma’, eles tinham medo da gente porque eles achavam que professor batia. Eu falava ‘calma, ninguém vai bater em você’. Dificuldade com a língua mesmo [...] chamava mais individualmente e, com o passar do tempo, isso foi se dissolvendo e daí não teve essa necessidade de eu falar mais pausado para eles entenderem... daí eu costumo dizer assim: ‘vocês estão se abasileirando demais, pode voltar...’” (Victor, Artes)

O tempo de trabalho desse professor na escola permite que ele tenha condições de elaborar o resgate dessa memória, apreendendo as mudanças ocasionadas pela intensificação das matrículas de imigrantes no decorrer desses 10 anos. Recorrendo a essa memória, Victor salienta a comunicação como dificuldade marcante e ressalta algumas estratégias adotadas, tais como adequar a linguagem e falar mais pausadamente. Um termo que destacamos, nessa narrativa, é a expressão ‘abasileirar’, que denota a percepção de que esses estudantes, com o tempo, passam a compreender como funciona a dinâmica escolar e adotam esses códigos.



“Quando comecei a dar aula na EMEF dos Andes eu não tinha noção da quantidade dos alunos imigrantes, mas eu sabia que a maioria eram bolivianos. [...] E outra dificuldade que eu tive, foi de entender como eles estavam inseridos no contexto pedagógico e social da escola, então eu fiquei me questionando ‘como é que esses alunos são aceitos na escola? Como os colegas os tratam?’, aí fui percebendo que tinha, tinha sim bullying sendo praticado contra esses alunos em sala de aula. Por uma dificuldade dos alunos brasileiros lidarem com a diferença.” (Juana, História)

A diferença cultural é suscitada nesse relato, e a indagação da professora poderia ser resumida em ‘como é ser boliviano em uma escola que não me reconhece como sujeito?’, e essa observação diz respeito, entre outras coisas, ao modo como a sociedade brasileira acolhe o diferente.

Após a constatação das dificuldades elencadas no excerto anterior, a professora apresenta suas estratégias para lidar com a situação:

“Para essas duas dificuldades, a primeira foi da questão da linguagem, primeiro foi tentar conversar mais individualmente com esses próprios alunos e conversando com alguns professores, com a direção em algumas reuniões pedagógicas e de conselho, pensar na possibilidade de desenvolver um projeto de língua espanhola na escola, o que a gente achou bem interessante. Não só para os professores se integrarem mais em relação a língua deles, mas também para que eles também possam fazer da escola um local de... manutenção da sua própria cultura, que a escola seja um espaço de acolhimento da diferença, só que esse projeto não foi a frente, a gente ainda não escreveu... E sobre a questão do bullying que foi uma situação que aconteceu e que ainda acontece com alunos bolivianos, eu também comentei em algumas reuniões e os colegas sugeriram realizar sempre rodas de conversa para melhorar a convivência entre eles, estimular o diálogo, o respeito e foi o que eu fiz desde o ano passado.” (Juana, História)

Essa narrativa explicita que as dificuldades foram discutidas pelo coletivo de professores em reuniões, e que foram traçadas estratégias – projeto de língua espanhola e rodas de conversa – para lidar com essas dificuldades, no entanto, não foi dado um encaminhamento para as ações planejadas.

---

## O ACOMPANHAMENTO DAS AULAS E APRENDIZAGEM

Nas pesquisas sobre Educação para Imigrantes, um tema controverso é a qualificação desses aprendizes: seriam bons ou maus alunos? Sob quais parâmetros essa aprendizagem é avaliada? Uma pista muito importante para chegar a uma resposta para essa questão foi aportada por Lazare-Gabriel (2016), cujo resultado de sua investigação dá conta de que, dentre os professores, circula a representação de estudantes tímidos, introvertidos, inseguros, comportados e silenciosos, esforçados na realização das tarefas escolares, apresentando inúmeras dificuldades de aprendizagem e com baixo rendimento escolar.

Buscando compreender como os participantes da pesquisa avaliavam esse tema, perguntamos sobre a percepção desses professores em relação ao rendimento escolar dos estudantes imigrantes.

“Alguns tem o rendimento bom, outros não tem rendimento bom, mas é porque já têm a dificuldade de aprendizagem, assim como os nossos alunos (...). E os alunos bolivianos eles são... muito educados e eles valorizam muito a escola, as famílias cobram bastante deles e eles valorizam muito a escola, então eles têm mais dificuldade, mesmo os que tem a dificuldade lutam pra vencer, superar...” (Gabriela, Língua Portuguesa)

O relato de Gabriela reforça a ideia da valorização da escola por parte dos estudantes de origem imigrante e suas famílias. Já Mercedes inicia seu relato atentando para as características pessoais desses estudantes, traçando um perfil atrelado à postura.

“De modo geral eles são bons alunos, comportados, tem responsabilidade, então geralmente o caderno está em ordem... Os pais são presentes, na maioria, os pais são presentes e o único entrave que existe é a questão da timidez, a questão da socialização. Porque as vezes eles são mesmo discriminados pelos colegas, então o problema deles aqui na escola é essa questão da sociabilização. Estão dentro da expectativa, são até melhores que os brasileiros.” (Mercedes, Geografia)

Os adjetivos utilizados para qualificar a presença desses estudantes na escola são positivados: bons alunos, comportados, responsáveis. Quanto às famílias, ressalta-se que são presentes, o que denota preocupação com o rendimento escolar de seus filhos.

“Olha, avaliando a minha matéria no caso, geralmente os bolivianos são excelentes... Latinos vamos pensar assim, eles são muito bons em Artes, eles têm muito capricho nas coisas assim. Os cadernos deles, principalmente de Artes porque eu sempre monto portfólios com caderno de Arte, são super caprichados, margens, os trabalhos deles são ótimos, o capricho assim é... o caderno deles dá vontade de pegar e usar de modelo pro próximo ano, vontade de plastificar e mostrar: ‘esse é o modelo que eu quero que vocês façam’, os alunos [imigrantes] são ótimos em Artes... Levam muito mais a sério [que os brasileiros]. Assim, eles se centram pra fazer, você dá o comando, ‘ok, é isso então vou sentar fazer isso’ e fazem o trabalho... eles seguem as orientações e parece que os demais não. Ficam ‘ai, será que posso fazer assim’, ‘ai posso fazer assim’ e fica naquele famoso ‘talvez’, jeitinho brasileiro que a gente se acomoda, ‘mas será que eu não posso fazer assim?’, ‘mas a margem de 2cm, mas será que se eu fizer assim da largura da régua e der um jeitinho’. Eles não. ”. (Victor, Artes)

Victor também traça esse perfil de bons alunos, corroborando com o que já havia sido mencionado pelas professoras, sendo que a organização e a disciplina seriam as características observadas nesses estudantes.

Aspectos gerais sobre a participação nas aulas e a entrega das tarefas escolares são apresentados na narrativa da professora de História:

“[...] no nosso caso os bolivianos, de modo geral ele [o aproveitamento escolar] é de regular para alto, são alunos que tiram boas notas, que se esforçam muito e tem um comportamento muito bom. Entregam [as atividades] de modo geral e os registros nos cadernos são praticamente todos, são os que mais se esforçam em relação ao caderno. Participam muito também, mas aí são os alunos mais desinibidos, têm os alunos mais tímidos que não conversam muito, não gostam de falar em sala de aula, chamar atenção, acho que também um pouco pela questão da diferença cultural e de linguagem, mas eu tenho alunos no sexto ano que participam muito de todas as aulas e são de famílias bolivianas. E de modo geral a gente avalia que eles têm um ótimo rendimento, comportamento e que é bem positivo.” (Juana, História)

De um modo geral, podemos inferir que, em relação ao rendimento escolar, a professora de Língua Portuguesa salienta que não devem ocorrer generalizações, pois tem alunos bons, medianos e ruins, independentemente da origem nacional. Ela atribui o baixo rendimento a possíveis dificuldades de aprendizagem e reforça como pontos positivos a valorização da escola, a cobrança das famílias e o senso de superação. Já Mercedes ressalta os aspectos do comportamento (postura em sala de aula), afirma que estão dentro das expectativas e que as dificuldades observadas são decorrentes da socialização, fruto da timidez.

Uma percepção que destoa das anteriores é a da professora Juana, que avalia os estudantes de origem imigrante de um modo bastante positivo, afirmando que são responsáveis com a entrega das atividades, realizam os registros no caderno e que os mais ‘desinibidos’ participam oralmente das discussões na aula. Em Artes, também são observados pontos positivos - organização dos cadernos, observância das orientações do professor, objetividade na realização das tarefas – e, para o professor Victor os alunos de origem boliviana são excelentes.

---

## MECANISMOS PEDAGÓGICOS PARA ACOLHER OS ESTUDANTES IMIGRANTES NA ESCOLA

Por estarem em uma posição privilegiada no contexto escolar, os professores são capazes de refletir sobre o modo como os adolescentes e jovens imigrantes são chamados a participar do universo escolar, sendo esse um indício do efetivo acolhimento. Todavia, esse acolhimento não se resume a incorporação dos valores de uma cultura escolar, sendo interessante, para nossa análise, desvelar como a cultura de origem desse estudante é acionada nas distintas atividades planejadas pelos docentes. Por essa razão, nos interessava conhecer como essa participação era fomentada por aqueles docentes, e solicitamos que os professores relatassem alguma atividade desenvolvida por eles, que contemplasse a temática da cultura dos estudantes imigrantes.

Os docentes foram estimulados a rememorar atividades, ações ou projetos educativos que impulsionaram a participação dos estudantes imigrantes.

“Não foi um projeto, foi uma ação para Mostra Cultural onde a gente planejou a sala temática da Bolívia e os estudantes e os pais que escolheram o tema, o que eles iriam mostrar. Era necessário e consta no PPP, fizeram a reunião, os pais gostaram muito da ideia, inclusive porque é uma forma de preservar a cultura, de passar, de transmitir o conhecimento cultural deles para os filhos e eles não querem que isso morra

e eles disseram que um povo sem cultura é um povo sem história. A gente montou um cartaz com ilustração, no dia os pais trouxeram a comida típica que incomodou algumas pessoas, mas eu achei muito válido, eles colocaram músicas típicas nessa sala, eles se sentiram muito bem e felizes na sala, interessante foi ver a felicidade dos pais em compartilhar a cultura com outras pessoas, faziam questão de explicar, de contar história, de contar de onde vinha a música, de explicar de onde vinha a comida, cada região da Bolívia tem uma característica climática, tem uma altitude então é por isso que é produzido daquela forma, então eles se sentiram orgulhosos de transmitir um conhecimento cultural para a população brasileira. Depois dessa ação os alunos mudaram muito, ficaram mais participativos, mais alegres, menos retraídos porque eles viviam escondidos, então eles se mostraram mais.” (Mercedes, Geografia)

A Mostra Cultural de 2018 foi um evento muito marcante nessa escola e professora de Geografia reconhece essa ação como muito positiva para o acolhimento dos estudantes bolivianos, pois eles assumiram o protagonismo tanto nas etapas de planejamento, quanto na execução da atividade, que culminou numa sala caracterizada com diversos elementos da cultura boliviana. Tomando o exemplo da Mostra Cultural, um evento organizado pela escola para difundir as produções culturais, é interessante notar que houve um estímulo a incorporação de alguns traços culturais dos estudantes imigrantes – a dança, a alimentação – e não seria demasiado afirmar que a presença das famílias desses estudantes denota não apenas o interesse de ‘mostrar’ essa cultura, mas propiciar que alguns traços dessa cultura fossem vivenciados pelos participantes do evento. Essa ação pode ser entendida como elemento de afirmação da diversidade cultural presente no ambiente escolar, através da legitimação dessa presença na escola.

“Geralmente os bolivianos são mais aplicados, os alunos imigrantes no geral. São mais aplicados, eu percebo que os alunos latinos porque se a gente for pegar os alunos mais, os imigrantes africanos, eles são mais abasileirados, eles já estão mais próximos da nossa cultura, então eles não têm essa coisa da timidez,... da objetividade, ‘vou ser objetivo, vou sentar, vou ficar quieto fazendo lição’, eles [africanos] já são, pelo menos na minha aula eles mostram isso, eles já são mais expansivos, mais espontâneos.... eles são aplicados apesar de que... a gente percebe que os alunos bolivianos que já estão aqui há mais tempo com família constituída e que os pais estão aqui há mais tempo eles já estão abasileirados, então eles já entraram no nosso ritmo, então tem alguns já estão ‘no clima’ do Brasil.” (Victor, Arte).

Victor propõe uma comparação entre os estudantes de origem latino-americana aos de origem africana, e baliza essa comparação através do que ele denomina como 'abrasileiramento'. Em sua percepção, os estudantes imigrantes de origem africana já chegam à escola com essa propensão ao 'abrasileiramento', e a hipótese aventada é a de que a cultura dos africanos seria mais próxima da brasileira, o que facilitaria essa inserção e o convívio. Contudo, no que se refere ao desempenho escolar, é notada também uma diferença, pois os estudantes latino-americanos seriam, em sua opinião, mais aplicados na realização das tarefas escolares e a característica do abrasileiramento poderia ser entendida, nesse caso, como uma ausência de objetividade e assertividade em compreender e atender os comandos no momento da aula.

---

## A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL

A discussão da exploração do trabalho infantil é uma realidade na escola e tema presente nas discussões formativas dos educadores. Os dados coletados na pesquisa documental realizada na EMEF dos Andes também trazem essa discussão, uma vez que a presença de matrículas de estudantes imigrantes fica mais rarefeita na medida em que esses estudantes vão chegando nos anos finais do Ensino Fundamental, momento em que inicia o fenômeno da evasão escolar, possivelmente desencadeado pelo trabalho infantil.

“Tem duas situações que eu acho que são importantes da gente relatar, uma de uma aluna que era boliviana na escola. Ela está no nono ano esse ano e ano passado os professores notaram que ela dormia muito em muitas aulas... E foram perguntar pra ela porque que ela estava dormindo tanto. E daí ela contou que ela trabalhava junto com os pais em uma fábrica de costura, ou de corte ou de costura de tecidos e ela tinha que trabalhar a noite toda, a tarde ela cuidava dos irmãos, dos sobrinhos e quando ela chegava na escola de manhã ela estava morrendo de sono porque trabalhava o dia inteiro. Então, essa foi uma situação muito marcante pra mim porque eu nunca tinha vivenciado nada do tipo e aí eu percebi que como a gente tem que ter olhares muito atentos para esses alunos porque por trás de uma aluna que está dormindo em sala de aula temos quase que uma realidade de trabalho infantil, entendeu?” (Juana, História)

Em relação a esse primeiro relato, notamos que houve a constatação, por parte dos professores, de que a estudante estava vivenciando uma situação de exploração do trabalho infantil e que isso estava prejudicando seu desempenho

escolar, mas não é relatada nenhuma ação em relação a essa constatação.

Uma característica do fluxo dos bolivianos na cidade de São Paulo é o trabalho no segmento têxtil e familiar e recrutamento do trabalho de adolescentes representa a dureza da realidade socioeconômica, que causa prejuízos no desenvolvimento desses estudantes, e a escola não está preparada para intervir nesse contexto adverso. Quando a professora Juana Azurduy relata que sua aluna trabalha à noite e cuida dos irmãos de manhã, revela o quão danosa é essa exploração para o processo de aprendizagem da aluna.

---

## ENFRENTAMENTO A SITUAÇÕES DE PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

A última pergunta de solicitava que as professoras relatassem alguma situação vivenciada em sua prática pedagógica envolvendo o contexto social, cultural ou econômico dos estudantes imigrantes. Os relatos a seguir sugerem que situações de discriminação estão presentes em contextos escolares que acolhem estudantes imigrantes, e maculam as relações sociais construídas nesse ambiente.

“Esse aluno que sofreu *bullying* me marcou bastante, ele veio pedir ajuda, porque ele estava sofrendo mesmo, então foi uma situação que me marcou bastante e eu acho que a escola tem que atacar esse preconceito, tem que atacar esse preconceito em relação aos migrantes, tomar atitude e... mesmo na escola a gente tem que falar mais com a realidade deles. Fazendo mais palestras, estudos sobre a realidade deles.” (Gabriela, Língua Portuguesa)

Em seu relato, a professora Gabriela mencionou a situação envolvendo um estudante boliviano que a sensibilizou muito. Os colegas da turma o ofendiam e o perseguiram e, num desabafo, esse menino falou para a professora que não aguentava mais e queria voltar para a Bolívia. Quando perguntada sobre suas providências, a professora revelou que chamou os estudantes envolvidos e os advertiu, sendo que o ‘líder’ dessa turma de agressores foi transferido para outra escola, por conta das sucessivas ocorrências de agressividade na unidade escolar. De acordo com a professora, essa situação a marcou muito, pois, após tomar essas providências, o estudante agredido percebeu um vínculo de confiança com ela e sua situação na escola melhorou, pois ele se sentiu mais seguro.

“[...] tem um aluno, Juan<sup>3</sup>, do 6º ano A, que sofreu muito durante a infância dele e ele tem uma dificuldade de comunicação, de linguagem... e esse aluno sofre bullying na escola, pelo menos sofria muito e não só agressão verbal, física também. E na escola tem um projeto chamado Projeto Tutoria que eu faço parte e a professora Mercedes Sosa também, e o Juan é um dos alunos atendidos por esse projeto, que é um acompanhamento mais detalhado do aluno, levando em consideração suas questões sociais, familiares [...]. E aí eu comecei a fazer isso com o Juan e com algumas alunas de sala de aula que praticavam bullying com ele [...] Fui percebendo que ele ficava isolado as vezes na sala de aula, eu fui falar com outros alunos, alunos bolivianos, que se sentavam mais próximo dele e falei ‘É o seguinte, o Juan sofre bullying na sala, vocês sabem disso?’, e eles falaram que sim. Eu disse: ‘a gente precisa ajudar o colega, ele não pode se sentir sozinho, a gente faz parte de um grupo, de um coletivo, eu quero saber se posso contar com a ajuda de vocês pra gente integrar o Juan, pra ele não se sentir sozinho já que todos nós somos amigos aqui. A gente faz parte de um grupo’, aí eles concordaram.” (Juana, História)

A professora aponta as melhorias que foram percebidas quando o estudante foi acolhido, através do projeto de Tutoria.

“[...] e o Juan começou a mudar de lugar, sentar mais próximo deles e começou a interagir bem mais na sala de aula, começou a se cuidar mais, a cortar o cabelo... A tomar banho, ir mais higiênico pra escola, a gente viu essa melhora e isso a gente conseguiu na base da conversa, do diálogo, da atenção, do cuidado... Se a gente consegue fazer as mudanças na sala de aula por iniciativa nossa própria, dos próprios professores, imagina se isso fosse uma política levada à frente pela coordenação da escola, com formação voltada para essa discussão de migração, imagine se a DRE e a SME<sup>4</sup> realmente levassem à frente essas políticas que estão no papel, mas que não se efetivam na realidade. Sem dúvida nenhuma a gente teria uma educação de fato inclusiva e adequada para esses alunos e a gente conseguiria reduzir muito o número de bullying e de provocações que esses alunos sofrem.” (Juana, História)

---

3 Nome fictício.

4 A DRE (Diretoria Regional de Educação) é o órgão regional da SME (Secretaria Municipal de Educação). Ambas são responsáveis pela construção de políticas públicas de formação na Rede Municipal de Ensino de São Paulo.



Diante desse relato, percebemos que a ação pedagógica possibilitou que o estudante Juan fosse acolhido, através da intervenção do projeto de Tutoria que acontece na escola. Juana menciona que o menino era alvo de preconceito, discriminação e violência física por parte de um grupo de estudantes e, ao perceber essa situação de exclusão, houve o acompanhamento sistemático e atencioso tanto de Juan quanto do grupo de meninas que o agrediam. Um segundo passo foi sensibilizar os demais estudantes de origem imigrante, que o acolheram em seu grupo, e os efeitos positivos foram aferidos através da elevação da autoestima de Juan, que se manifestaram através dos cuidados com o corpo e da potencialização da interação social. Após o relato dessa situação vivenciada no interior da escola, Juana mais uma vez questiona a efetivação das Políticas Públicas pois em sua percepção, foi a atuação pedagógica dialógica que propiciou o acolhimento de Juan, mas envolveu apenas as professoras do projeto de Tutoria da EMEF dos Andes. Se as ações fossem coletivas, coordenadas e acompanhadas por órgãos superiores, a Educação para Imigrantes entraria para a agenda das discussões em todas as esferas, o que ocasionaria na diminuição das situações de xenofobia em relação aos estudantes imigrantes nas escolas.

Os relatos recolhidos na EMEF dos Andes revelam que os professores vivenciam os dilemas, dificuldades e avanços de seus estudantes imigrantes. Esse olhar atento demonstra que eles estão sensíveis e buscam construir vínculos com a comunidade que atendem. Para Paulo Freire, é essa vinculação que dá sentido à experiência educativa humanizante, pois válida a “capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido” (FREIRE, 2000, p. 161). A imersão na escola possibilita compreendermos que, mesmo diante de contextos sociais e econômicos muitas vezes desfavoráveis, é na *práxis* educativa que vão se construindo as estratégias de acolhimento que efetivam os direitos e os sentidos da Educação para Imigrantes.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas realizadas com os professores da EMEF dos Andes foram muito satisfatórias para jogar luzes sobre o contexto de acolhimento dos estudantes imigrantes latino-americanos na escola pública de São Paulo. Através dos relatos foi possível desvelarmos que, apesar da pouca profundidade conceitual sobre o tema das migrações, esses docentes buscam trilhar o caminho de uma *práxis* educativa orientada para a interculturalidade, o que se evidencia através das reflexões sobre a cultura escolar e ações por eles desenvolvidas.

Dentre as atividades desenvolvidas pela escola, o destaque foi a ação que desencadeou na Mostra Cultural de 2018, que ampliou os conhecimentos de

educadores, estudantes e comunidade sobre a Bolívia, país de origem da maioria dos estudantes imigrantes da escola. Quando retomamos nossas referências teóricas podemos perceber que, de fato, a legitimação da presença imigrante na Mostra Cultural é de especial relevância. Inserida no calendário escolar e visando o compartilhamento de vivências, a Mostra é o momento em que a escola se propõe a apresentar, para a comunidade escolar, os processos pedagógicos. E essa sala dedicada a mostrar a cultura da Bolívia é a manifestação da ideia de que esse rosto é parte da cultura escolar. Quando um grupo de professores se propõe a legitimar essa presença através de um espaço na Mostra Cultural e, mediante o convite, há o envolvimento da comunidade boliviana para que essa se apresente, acreditamos que é dado um passo muito importante para dirimir a distância entre ‘os outros’ e ‘nós’.

Outros indícios da atuação docente sensível ao contexto social foram as memórias sobre os diálogos entre estes e os estudantes. Essa narrativa do cotidiano revelou os dilemas dessa relação pedagógica, tais como as dificuldades de comunicação, as angústias referentes a permanência da xenofobia a qual os imigrantes são alvo e as preocupações com as situações de exploração do trabalho dos adolescentes. A presença os jovens imigrantes nas escolas públicas pode ser um elemento desencadeador de reflexões sobre métodos e conteúdos de ensino, pois essa presença tensiona a cultura escolar, trazendo à tona a experiência da diversidade cultural, ensejando a ruptura com a perspectiva monocultural. Enquanto sujeitos de direitos, são esses jovens os atores sociais primordiais na reflexão sobre a necessidade de uma prática educativa humanizante e humanizadora.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. (2014) *Outros, Sujeitos, Outras Pedagogias*. Petrópolis, RJ: Vozes.

BHABHA, Homi K. (2013) *O local da cultura*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.

CANDAU, Vera Maria (2011) “Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica” (13-37). *En: Antonio Flávio Moreira e Vera Maria Candau (org.), Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis/RJ: Vozes, 8ª edição.

CANDAU, Vera Maria (2014) “Educação intercultural: entre afirmações e desafios. Currículos, disciplinas escolares e culturas” (23-41). *En: Antonio Flávio Moreira e Vera Maria Candau (org.), Currículos, disciplinas escolares e culturas*. Petrópolis/RJ: Vozes.

CEPAL (2019) *Políticas migratorias em nível local: Análises sobre a institucionalização da política municipal para a população imigrante de São Paulo*. Santiago, Chile: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.

FREIRE, Paulo (2000) *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa*. (16ª edição). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GRIMSON, Alejandro (2011) “Doce equívocos sobre las Migraciones”, *Revista Nueva Sociedad*, v. 1, n. 233, p. 34-43.

LAZARE-GABRIEL, Ana Katy (2016) “Jogo de espelhos: representações sociais de professores de língua portuguesa e de aprendizes bolivianos em contexto multicultural na rede pública de ensino”. 212 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Decreto 57.533 de 15 de dezembro de 2016 que regulamenta a Política Municipal para População Migrante*.

ROBIM, Renie (2017) “Construções pronominais e verbos existenciais: comparação da escrita de alunos bolivianos e descendentes de primeira geração com a de alunos brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica”. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Sidney Antonio (2008). *Faces da Latinidade: Hispano-Americanos em São Paulo*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp.